

USP PARA TODOS?

MUSA SOCIOLOGIA
Volume 1

Este livro foi editado e acordo com o Novo Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa

As falas dos alunos entrevistados preservaram seu
discurso original, não havendo interferência do
revisor nem na sintaxe nem na ortografia.

Wilson Mesquita de Almeida

USP PARA TODOS?

ESTUDANTES COM DESVANTAGENS SOCIOECONÔMICAS E
EDUCACIONAIS E FRUIÇÃO DA UNIVERSIDADE PÚBLICA

São Paulo
2009

 **FAPESP**


EDITORA

© Copyright, autores.

CAPA | Raquel Matsushita (Entrelinha Design)
DIAGRAMAÇÃO | Set-up Time Artes Gráficas
REVISÃO | Fernanda Rizzo Sanches
IMPRESSÃO E ACABAMENTO | Assahi Gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Almeida, Wilson Mesquita de

USP para todos?: estudantes com desvantagens socioeconômicas e educacionais e fruição da universidade pública / Wilson Mesquita de Almeida. — São Paulo: Musa Editora, 2009. — (Musa sociologia)

Bibliografia.

ISBN 978-85-7871-001-9

1. Ambiente universitário 2. Desigualdade social 3. Diversidade cultural 4. Ensino superior - Brasil 5. Política educacional 6. Universidade de São Paulo 7. Universidades públicas I. Título. II. Série.

09-08648

CDD-306.43

Índices para catálogo sistemático:

1. Universidade de São Paulo : Socialização universitária :
Sociologia educacional 306.43

Todos os direitos reservados.

MUSA
EDITORA

MUSA EDITORA

Rua Bartira 62/21

05009 000 São Paulo SP

Tel/fax (11) 3862 6435

www.musaeditora.com.br

www.musaambulante.com.br

www.anacandidacosta.blogspot.com

IMPRESSO NO BRASIL, 1ª edição, 2009

Para meus pais Anna Thereza Mesquita de Almeida
e Antônio José de Almeida (*in memoriam*)

“... Foi uma luta para entrar, agora é uma para tentar fazer um curso decente, minimamente decente.”
(Clara – estudante de História).

APRESENTAÇÃO

O diploma que atesta a conclusão de um curso superior é, no Brasil, uma marca de distinção das mais importantes. Ele é necessário para o acesso às posições mais bem remuneradas do mercado de trabalho e chega mesmo a garantir, ainda hoje, um tratamento especial àqueles possuidores que infringiram as leis.

Não é surpresa, portanto, que o diploma seja alvo das expectativas, dos desejos, das esperanças de milhares de jovens brasileiros, assim como não é surpreendente que muita energia tenha sido mobilizada nos últimos tempos em torno das lutas para se construir, na sociedade brasileira, a percepção de que a oportunidade de um indivíduo obter um diploma de ensino superior não deve estar subordinada às condições econômicas da família em que ele nasceu.

Como sabemos, grande parte dessa luta tem sido direcionada para provocar mudanças no vestibular das universidades públicas. Experiências de ação afirmativa, sejam baseadas em cotas, bônus ou isenções no pagamento das taxas cobradas para realização do exame, têm sido o seu resultado mais concreto.

Este livro aborda um outro aspecto, menos visível, dessa questão. Estudando as experiências de um grupo de jovens que, logrando

ultrapassar a barreira do vestibular e ingressando numa universidade pública de primeiro time, esforçam-se para concluir os seus cursos, Wilson Mesquita de Almeida mostra por que discutir acesso ao ensino superior e, mais especialmente, à universidade pública, implica levar em conta as condições de trabalho posteriores à admissão e problematizar o percurso. Fazer universidade não é a mesma coisa para todo mundo, fica claro.

No que consiste essa diversidade de experiências? Isso é o que não é tão claro e este livro oferece elementos para se compreender. Há jovens “em vantagem” e há os jovens focalizados neste livro, aqueles “em desvantagem”, que somos levados a conhecer por meio de suas próprias vozes registradas em situação de entrevista individual e em grupos de discussão.

Essas falas e o tratamento que o autor dá a elas são um dos pontos fortes da análise proposta. Do encadeamento de ideias que provocam, da documentação precisa de situações exemplares vivenciadas por esses jovens e da percepção que constroem sobre essas experiências surge em pleno vigor uma sociologia da educação que produz, no caminho, uma sociologia do conhecimento e da maneira como este é utilizado na sociedade brasileira para orientar a distribuição dos recursos dos quais o diploma e as vantagens a ele associadas são um exemplo.

A desvantagem, aprendemos, é um dado rápido e duramente percebido. Uma de suas dimensões fundamentais é o tempo. Os jovens focalizados são filhos de pais que pouco estudaram e cresceram à distância das práticas culturais valorizadas pelas escolas e pelos exames que garantem o acesso às carreiras escolares de longa duração. Não compreendem muito bem as exigências da escola a ponto de se sentirem meio fora de sintonia, e até mesmo o português que praticam percebem como inadequado. Sua linha de partida na corrida para o ensino superior é nitidamente anterior à linha de onde partiram seus

colegas oriundos das famílias de mais posses e mais escolarizadas. Para chegar ao mesmo lugar precisam de mais tempo. Chegam, assim, mais velhos ao ensino superior e precisam de mais tempo para compreender e jogar o jogo. No entanto, tempo é exatamente o que lhes falta, já que são jovens trabalhadores que dependem de seu trabalho cotidiano para sua sobrevivência ou mesmo para a sobrevivência do grupo familiar. Primeiro curto-circuito.

Outra dimensão da desvantagem que o livro documenta vem da própria percepção da sua situação como desvantajosa. Em outras palavras, é ao interiorizarem o julgamento de que são “inadequados” que a situação concreta dos jovens focalizados se volta de fato contra eles e se torna mais extrema. Percebendo com muita acuidade o quanto a universidade, seus cursos e seus professores estão programados para receber um aluno idealizado, os jovens oriundos dos grupos populares não têm alternativa que não seja sentirem-se fora de lugar, devedores eternos de um ideal que, diga-se de passagem, raras vezes é encontrado nos corredores das faculdades e institutos. Vivenciando cada experiência de fracasso ou mesmo de estranheza e desconhecimento como algo que tem explicação na sua condição de aluno pobre, oriundo de família pouco escolarizada, esses jovens veem-se sem condições de questionar o princípio de homogeneidade social em que se baseia a imagem do aluno ideal: por que negar os ganhos que a diversidade social da população de alunos pode trazer tanto para a produção de conhecimentos quanto para o desenvolvimento intelectual da população em foco, na contramão dos melhores estudos sobre a qualidade da educação? Por que organizar a universidade sem cursos de nivelamento que permitam tanto a passagem de alunos de uma área para outra quanto à aquisição de competências específicas cuja construção é muito desigualmente distribuída entre a população? Segundo curto-circuito.

E é assim, de curto-circuito em curto-circuito que Wilson Mesquita de Almeida nos oferece um retrato forte desses jovens, suas famílias, suas histórias como uma contribuição substantiva para se refletir sobre o paradoxo da escola contemporânea: pensada para oferecer mecanismos para a produção da desigualdade a partir da igualdade de oportunidades, a ideia de igualdade de tratamento que sustenta o trabalho pedagógico é justamente o que impede que a igualdade de oportunidades tenha lugar.

Ana Maria Fonseca de Almeida
Faculdade de Educação – FE/Unicamp

AGRADECIMENTOS

À professora Sônia Penin, na época Pró-Reitora de Graduação da USP. Por extensão, à equipe do NAEG – Núcleo de Apoio aos Estudos de Graduação da USP – que me auxiliou fornecendo dados sobre os estudantes, essenciais para a seleção da amostra, nas figuras do professor Adilson Simonis, do Guilherme Mitne pelo tratamento das informações e de Luciana Delfini de Campos pelo atendimento sempre impecável.

Às “meninas” da pós: “Anja” Ângela, “Juju” Juliana, Irany, Evânia, Simone, Leci e Samara. Ao “menino entre as meninas” Zé Antônio. A todos os que compõem a Secretaria do Departamento de Sociologia, meus agradecimentos. Ao professor Sérgio Miceli pela apurada sensibilidade sociológica que propiciou, desde os Seminários de Projetos de Pesquisa, elementos precisos e interessantes. À professora Ana Almeida pela competente e atualizada pesquisadora que é. A interlocução com ambos foi importante para o desenvolvimento do trabalho.

À minha orientadora e encantadora desde os tempos da graduação, professora Heloisa Martins, sábia ao combinar rigor analítico e respeito aos orientandos. Com isso, tem ciência, como poucos, daquilo de que falava um pensador “o mestre possui um saber inacabado e o aluno

uma ignorância transitória. Não há saber absoluto nem ignorância absoluta”.

Aos colegas do tempo da graduação nas figuras de Clayton, Ivanira e Arlene pelas discussões, sonhos e desesperos. À Sara, ao Fernando “goiano” pela ajuda na manipulação dos CDs e pelo diálogo. Aos colegas dos Seminários de Pesquisa pelas sugestões. À Karla e Ivanira pelo apoio fundamental na realização dos grupos focais.

A todos os meus familiares pela ajuda e amor fraterno – irmãs, irmãs, sobrinhos(as). À minha querida mãe e ao meu pai, que já partiu e deixou lições inesquecíveis. À Karla, companheira nos momentos angustiantes, pela compreensão e exemplo de força e superação.

A todos os professores, colegas, amigos e conhecidos pelos encontros da vida que me proporcionaram, em cada diálogo, sempre absorver algo.

À Fapesp pela bolsa, a qual me permitiu dedicar-me plenamente à consecução deste trabalho.

Aos pesquisados que relataram suas experiências de sonhos, ilusões, angústias, tristezas, alegrias, enfim, a plenitude de suas vidas.

A Deus, força maior.

SUMÁRIO

<i>Introdução</i>	15
CAPÍTULO I – Processo de Produção das Informações	21
1.1 Extração da Amostra	21
1.2 Universo de Trabalho	27
1.3 Grupos Focais e Entrevistas Semiestruturadas	32
CAPÍTULO II – Estudantes com Desvantagens Socioeconômicas e Educacionais	41
CAPÍTULO III – A USP Antes do Ingresso	65
3.1 Informações e Incentivos	65
3.2 Imagem	76
CAPÍTULO IV – Entrando	83
4.1 “Escolha” do Curso	84
4.2 Elementos e Ações para Ingresso	95
4.3 Cotas na USP?: Um Pequeno Debate	105
CAPÍTULO V – Estudando	111
5.1 Imagem	111

5.2 O Ambiente Universitário: Dificuldades e Facilidades	123
5.3 Desistir ou Prosseguir?	151
CAPÍTULO VI – Fruição	
6.1 A “Elite” e o Trabalhador	157
6.2 Papel Institucional	178
<i>Conclusão</i>	187
<i>Referências Bibliográficas</i>	191
<i>Anexo I – Questionário de Avaliação Socioeconômica</i>	197
<i>Anexo II – Roteiro de Questões – Grupos Focais e Entrevistas</i>	203
<i>Anexo III – Ficha de Informantes</i>	206
<i>Sobre o autor</i>	208

INTRODUÇÃO

“... Você está andando, para, vê alguém conversando sobre o mes-trado dele. Caramba, o que será que esse cara está falando? Você fica dando uma bituca para ver se entende ‘olha, ele está falando de tal coisa, nem sabia que podia fazer assim’. Você vê um grupo conver-sando um assunto interessante, um cara lendo um livro. Você tem uma vivência extrassala.” (Eduardo – Física).

“... Só estou indo no horário de aula, *né?*.” (Mário – Geografia).

Este trabalho tem como foco a investigação e reflexão sobre o uso do amplo potencial formativo disponível na USP por um grupo de estudantes com desvantagens socioeconômicas e educacionais. Inter-rogua a **fruição** da USP. Como isso se processa? O que é percebido por tais alunos como possível de apropriação a partir dos condicionantes ligados à sua origem social?

Para explicar essa fruição, os alvos da pesquisa giram em torno da compreensão de três eixos articulados: a **socialização no ambiente familiar**, a reconstrução da **trajetória de ingresso**, buscando com-preender quais estratégias foram mobilizadas para ter acesso à USP, quais visões, expectativas, conhecimentos, desconhecimentos, dentre outros aspectos, eles cultivavam antes da entrada e, por fim, um olhar sobre a **socialização universitária** mediante a apreensão das

facilidades e dificuldades encontradas no cotidiano, da adaptação à linguagem e códigos acadêmicos, da circulação nos espaços, da realização das tarefas, do contato com colegas e professores. Para além dos conteúdos dispostos nas disciplinas dos cursos, a Universidade de São Paulo proporciona uma multiplicidade de atividades e espaços para o desenvolvimento intelectual de seus alunos: seminários, conferências, cursos extracurriculares, pesquisas, bibliotecas, museus, teatros, dentre outros. Dessa forma, a vida universitária em um ambiente como esse é rica e diversificada, envolvendo vários aspectos e sentidos para além da estrita realização formal do curso. Como se realiza o trânsito no ambiente da USP por esse grupo de alunos?

Atualmente, ainda que por razões um pouco diferentes de acordo com o espaço geográfico, há um olhar mais atento sobre a trajetória de indivíduos pertencentes aos segmentos socioeconômicos desprovidos até o ensino superior. Na França, alguns estudiosos pesquisam a mudança ocorrida em um período de trinta e cinco anos desde a pesquisa seminal de Bourdieu e Passeron (1964) e procuram compreender a transição do “estudante herdeiro” para o “novo estudante” proposto por Erlich (1998; 2004). Em outros termos, o interesse volta-se para o entendimento das consequências do grande crescimento de um novo tipo de estudante, mais diverso e multifacetado em relação aos “herdeiros” que mantinham certas características típicas marcadas pelo cultivo da cultura erudita – literatura clássica, teatro, pintura, dentre outros, tão bem retratadas em Bourdieu (1988). Nesse sentido, houve um deslocamento do olhar para a vida cotidiana dos estudantes – jornadas, modo de vida, relação com o trabalho universitário, maneiras de estudar, financiamento da vida estudantil como alojamentos, alimentação, saúde, enfim, uma série de atividades que conduz, às vezes de certa forma exagerada, a uma defesa de uma “sociologia dos estudantes” dentro do quadro das relações entre educação e sociedade (Cf. Bonnet; Clerc, 2001).

Os estudos em língua inglesa, notadamente no Reino Unido, estão mais centrados no acesso de estudantes – e aqui, guardadas as diferenças, há uma possível aproximação com o contexto brasileiro¹ – pois há uma direção explícita do governo no sentido de ampliar a participação, em pelo menos 50%, dos jovens que estão na faixa de dezoito a trinta anos até o ano de 2010, com a recomendação básica de que tais jovens “necessitam ser recrutados de grupos previamente desprivilegiados, pois a participação entre jovens oriundos de grupos da classe trabalhadora tem permanecido, persistentemente, baixa”. (Ross et al., 2003, p. 3).

No Brasil, faz alguns anos, movimentos sociais, intelectuais, pesquisadores e propositores de políticas públicas têm feito considerações sobre o acesso restrito das camadas menos favorecidas da população ao ensino superior. Associado a tais discussões, está o debate atual sobre políticas de ações afirmativas e seus correlatos como cotas raciais e cotas sociais, o qual tem dividido a opinião no país em polos bem delimitados. Neste quadro, pesquisas têm sido realizadas com o objetivo de melhor entender a luta por acesso desses segmentos à universidade, sobretudo as públicas. Encontramos uma série de denominações que procuram designá-los: camadas populares (Nogueira, Romanelli, Zago, 2000; Pavão, 2004), jovens pobres (Sousa e Silva, 2003), segmentos de baixa renda (Dauster, 2003), dentre muitas outras.

A partir de um trabalho de revisão crítica dos trabalhos existentes tanto no Brasil quanto nos contextos francês e inglês, além de um estudo pormenorizado da realidade que escolhi para investigação, verifiquei que no Brasil tínhamos poucos estudos aprofundados sobre a permanência no ensino superior. Mesmo os trabalhos existentes, muito timidamente procuravam chamar atenção no sentido de entender o

¹ No Brasil, uma proposta sempre dita e quase pouco levada a sério em termos de políticas públicas é o aumento na faixa dos jovens de 18 a 24 anos – faixa considerada ideal para a matrícula no ensino superior – para cerca de 30% até o ano de 2010, conforme consta no Plano Nacional de Educação. Atualmente, essa taxa encontra-se em torno de 8 a 9%.

processo de chegada ao ensino superior como um todo, ou seja, acesso e permanência como momentos articulados e necessariamente interdependentes. Além disso, quando falavam em permanência entendiam-na simplesmente na acepção de propiciar condições mínimas para que o estudante pudesse frequentar o curso superior, sem colocar em discussão o que, efetivamente, esse mesmo aluno poderia extrair de sua passagem pela universidade. Ou seja, esses estudos não se preocupavam com a análise de como o estudante vivenciava, concretamente, o ambiente universitário². Embora possibilitem reflexões importantes na compreensão dos fatores envolvidos no percurso escolar dos alunos, faltava-lhes a consideração mais detida sobre a vida estudantil na universidade, ou seja, uma reflexão sobre o aproveitamento das oportunidades pelos estudantes com desvantagens socioeconômicas. Cumpre destacar que o estudo desenvolvido por Villas Bôas (2001), em que a autora problematiza as desigualdades sociais **internas** à universidade, já apresentava subsídios para avançarmos em um ponto central: além de ocorrências como restrições ao ingresso, hierarquia interna de carreiras, há a emergência de processos desiguais produzidos mediante as distintas vivências e aproveitamento do curso de acordo com as classes sociais às quais os indivíduos pertencem.

A pesquisa realizada procura deslocar o foco para a investigação de processos desiguais no nível de cada carreira vivenciados pelos diversos indivíduos que nelas ingressam. Essas diferenciações são produzidas mediante distintos modos de aproveitamento do curso, com o envolvimento em pesquisas, a apropriação de equipamentos materiais e culturais, a realização de atividades extracurriculares, além de informações sobre programas de cunho formativo existentes no âmbito da universidade.

² Mais recentemente, há um esforço em considerar a permanência conforme podemos ver no trabalho em andamento de Zago (2005).

Procuramos integrar à análise do acesso à universidade aquilo que denomino, provisoriamente, de *permanência efetiva*. Assim designada, pois além da dimensão material que vários estudos apontam, incorpora discussões que perpassam fortemente o trajeto do estudante: o que traz consigo em termos de formação cultural valorizada pelo ambiente universitário; a confrontação com métodos de ensino diferenciados onde podem ocorrer tensões; o aumento das tarefas escolares que exigem uma postura consubstanciada em um trabalho mais independente; os constrangimentos emocionais ao marcar uma entrada em um universo distinto, tecido por intensas mudanças – um novo espaço que rompe com relacionamentos mais sólidos até então existentes em níveis escolares anteriores, uma sociabilidade mais fragmentada com os colegas. Enfim, procura-se percorrer as rupturas e rearranjos que ocorrem quando da entrada na universidade, o que requer uma reestruturação de alguns referenciais na vida desse estudante.

Os capítulos desse trabalho estão inextricavelmente concatenados, permitindo recuperar diversas fases dos entrevistados até a situação atual em que se encontram enquanto alunos uspianos. Foram separados em tópicos delimitados para fins de uma exposição mais estruturada, devido ao grande volume de informações que foram manipuladas. Com isso, pode-se fazer mais facilmente correlações e comparações entre as diversas partes constitutivas da dissertação, sem prejuízo da clareza.

No capítulo I discuto como foi extraída a amostra, os critérios para a seleção dos informantes, as técnicas de pesquisa utilizadas para obter as evidências empíricas, bem como as fontes disponíveis a que tive acesso para realizar o trabalho de campo. Há, também, uma breve discussão/relato da experiência adquirida com os instrumentos utilizados, procurando apontar os limites e as possibilidades dos mesmos. Simultaneamente, faço o registro dos passos efetuados no campo, decisões tomadas no processo investigativo, correções de

rota, possíveis interferências pessoais nas interações que tive com os pesquisados, dentre outros pontos correlatos.

No capítulo II, uma caracterização mais precisa dos pesquisados procurando articular vários elementos de suas vidas: a socialização primária, a origem geográfica dos pais e avós, a trajetória ocupacional e escolar de pais e irmãos, como os parentes lidavam com a educação, a relação com irmãos, o percurso escolar e o trajeto profissional dos investigados, o porquê de escolher a USP.

Abordo, no capítulo III, os juízos e decisões da fase anterior ao ingresso, procurando verificar as expectativas e imagens que foram desenvolvidas a partir do instante em que passaram a ter conhecimento do prestígio da Universidade de São Paulo e os atores envolvidos que lhes serviram como suporte de informações e incentivos para que colocassem a USP em seus projetos de vir a ser universitários.

No capítulo IV, um olhar sobre os caracteres decisivos para o ingresso, procurando analisar o processo de “escolha” do curso e os elementos e ações que foram determinantes para o êxito no vestibular.

Discuto no capítulo V as avaliações dos estudantes a partir do instante em que passaram a ser estudantes uspianos: as dificuldades e os caminhos utilizados, as facilidades e vantagens de fazer parte dessa instituição, os constrangimentos e inconvenientes. Ou seja, um olhar mais detido em suas vivências universitárias.

Por fim, no capítulo VI, um olhar mais detido sobre a fruição, o uso da universidade pelo grupo pesquisado. Nesse momento, uma reflexão sobre as diferenciações entre tipos de estudantes presentes na USP e como a universidade lida com alguns pontos essenciais que afetam a vida universitária dos alunos com desvantagens socioeconômicas e educacionais.

Espera-se que o trabalho possa fazer sentido e contribuir, de algum modo, com elementos auxiliares para os estudos sobre acesso e permanência de certos segmentos de alunos presentes no ensino superior brasileiro.